

Futsal para Cegos: as contribuições do Esporte para a Integração social

O futsal é o esporte que tem sua prática ligada ao futebol de campo, o esporte mais popular do Brasil. A história do esporte, cita uma grande possibilidade de que o futebol de salão tenha sido criado em Montevideu no ano de 1934, pelo professor de educação física Juan Carlos Ceriani (é necessário destacar que essa hipótese não se sacramentada, porém a mais difundida, havendo uma discussão histórica entre uruguaios e brasileiros) buscando uma alternativa que captasse menos atletas e pudesse ser praticado em um espaço menor, já que para a prática do futebol de campo oficial há a necessidade de um espaço com grandes dimensões, portanto, o nome inicial desse esporte dando pelo professor foi de *Indoor-Foot-Ball* (VIEIRA & FREITAS, 2007).

Já a partir do ano de 1950, o esporte havia se popularizado por todo o país, o que ocasionou o surgimento de federações e confederações, elaborando suas regras e campeonatos. Assim como em outros esportes coletivos, o futsal baseia-se em movimentações e ações de ataque e defesa vivenciadas ao mesmo tempo pelas duas equipes envolvidas no jogo, tendo como objetivo realizar o maior número de gols na equipe adversária e impedir que a mesma marque gols no seu time.

Segundo dados do IBGE (2010), no Brasil o futsal é tido como o esporte mais praticado justamente por não necessitar do espaço e quantidade de atletas do futebol, e também pela maneira simples com que é jogado e por não exigir de seus praticantes nenhum material sofisticado, somente a bola, os jogadores, as traves. O futsal atrai desde crianças até idosos e sua prática tem início cada vez mais cedo ocupando o primeiro lugar entre os esportes mais praticados no Brasil em todas as classes sociais.



Ali Kalil Ghamoum¹
Cátia Rodrigues dos Santos Mendes²
Wanderson Pereira Lima³
Divino Eterno Bruno Alves Correia⁴
Paulo Soares de Lima Júnior⁵

¹ Mestre em Ciências da Saúde pela UnB. Coordenador do curso de Educação Física da FUG.

² Mestranda em Geografia pela UFG. Professora da FUG.

³ Mestrando em Educação pela PUC-GO. Professor da FAESPE.

⁴ Especialista em Educação Inclusiva pela FABEC. Professor da SEDUC-GO, brunoalves775@hotmail.com

⁵ Graduado em Educação Física pela FUG.

Partindo desse entendimento da construção sociocultural do fenômeno futsal e de sua relevância no Brasil, este estudo objetiva destacar o futsal para cegos e suas contribuições para a integração social de pessoas com deficiência visual.

De acordo com Tubino (1992) o esporte deixou de perspectivar-se apenas no rendimento e conseguiu também incorporar os sentidos educativos e do bem-estar social. Em outras palavras, o esporte não é mais apenas uma prática motora que visa à competição ou o alto rendimento, mas quando bem objetivado e trabalhado, pode se tornar uma grande ferramenta para a transformação e inclusão social. Assim, a possibilidade de incluir os cegos nesta modalidade e criar regras de adaptações serão realizadas nesse novo esporte, o qual se tornou o futebol de cinco que é baseado nas regras do futsal, foi organizado pela International Blind Sports Federation (IBSA, 2006).

HISTÓRICO DO FUTSAL

Há duas versões para a origem do futebol de salão, ambas envolvendo a Associação Cristã de Moços. Em uma delas iniciou-se na ACM de Montevideu após a copa de 1930, criado pelo professor uruguaio Juan Carlos Ceriani Gravier, dando-lhe o nome de *indoor football* originalmente chamado de futsal. Há a defesa da criação pelos brasileiros, pelo fato de que estiveram no Uruguai na primeira metade da década de 1930 e teriam trazido os princípios criados na ACM os quais foram organizados, algo ainda não feito pelos uruguaios. Portanto, não há ainda a afirmação se o futsal teve seu início em Montevideu ou no Brasil (VIEIRA & FREITAS, 2007).

Mesmo o futsal sendo um esporte não tão antigo só teve sua primeira regra oficial publicada em 1956 (editada por Luiz Gonzaga de Oliveira Fernandes). Em 1971, quinze anos depois, no dia 25 de Julho, com representantes de várias nações dentre elas o Brasil, foi fundada a Federação Internacional de Futebol de Salão (FIFUSA), sendo que o primeiro presidente do conselho executivo foi o também brasileiro João Havelange (HISTÓRIA, 2010).

Em setembro de 1988, o presidente da Confederação Brasileira de Futebol, Álvaro Melo Filho, iniciou negociações com o então presidente da FIFA (Federation Internationale de Football Association) João Havelange e o Secretário Geral Joseph Blatter, para que a maior entidade do futebol mundial “encampasse” a FIFUSA, passando a comandar o Futsal em âmbito mundial. Até 2010, foram realizados nove campeonatos mundiais, sendo que o Brasil se consagrou campeão em seis edições do evento (ALVES, 2003).

Desta forma, o futsal começou a receber novas entidades e novos campeonatos foram criados, e paralelamente foram ocorrendo modificações nas regras do jogo. Em 2007, a modalidade Futsal foi incluída no Pan-Americano realizado no Rio de Janeiro (CHIMINAZO, MELLO, DUTRA, 2006).

Desde então o futsal passou a ser um esporte de visibilidade gerando interesse de prática em muitos indivíduos, não só em sua parte prática, mas também em suas estruturas organizacionais como técnicos, preparadores físicos, dirigentes dentre outros e também em entidades de amparo aos deficientes, em específico o cego.

O FUTSAL PARA CEGOS

A prática do futebol por pessoas com deficiência visuais e cegas teve sua origem em meados da década de 1920 na Espanha, nas escolas e instituições especializadas ao atendimento desse público, como forma de recreação dos alunos (IBSA, 2006).

No Brasil, existem relatos da prática do futebol desde a década de 1950, também em escolas e instituições especializadas. Segundo Fontes (2006) as primeiras instituições a praticar o futebol para cegos foram a Instituição Santa Luzia, em Porto Alegre; A instituição Padre Chico, em São Paulo; e a Instituição Benjamim Constant, no Rio de Janeiro.

O futebol para cegos atual tem as regras baseadas no futsal, com algumas alterações. A *International Blind Sports Federation* (IBSA), que foi criada em 1981 na Espanha, gerencia a modalidade e todas as outras modalidades esportivas para cegos em nível mundial e a Confederação Brasileira de Desportos para Cegos (CBDC) gerencia em nível nacional.

Em alguns casos as crianças com deficiência visual e cega começaram a praticar a modalidade em ambientes informais, pela convivência com outras crianças que não possuíam esta deficiência (ITANI, 2004).

O primeiro campeonato brasileiro de futebol para cegos foi disputado em 1986, mesmo ano do primeiro campeonato espanhol. Foi organizado pela Associação Brasileira de Desportos para Cegos (ABDC), atual CBDC (CBDC, 2006). Antes disso, aconteceram alguns campeonatos organizados pela antiga Associação Nacional de Desporto para Deficientes (ANDE) e pela Associação de Pais e Amigos dos Excepcionais (APAE).

Nas Olimpíadas das APAEs a modalidade futebol para cegos era disputado por instituições convidadas (FONTES, 2006 ; ITANI, 2004). Em 1994 a IBSA deu origem ao subcomitê de futebol para cegos, fato importantíssimo para a regulamentação da modalidade, já que cada país propunha as suas próprias regras. Isso permitiu a disputa de campeonatos internacionais, apesar de os países já terem disputado um torneio internacional na Espanha antes dessa unificação, em 1988 (FONTES, 2006).

O primeiro campeonato mundial foi organizado aqui no Brasil, em Paulínia-SP em 1998. E o Brasil é bicampeão mundial (1998 e 2000) nas quatro vezes em que o título foi disputado. O Brasil venceu em 1998 (Brasil) e em 2000 (Espanha). É também campeão paralímpico, título conquistado nas Paralimpíadas de Atenas/2004, quando a modalidade foi disputada pela primeira vez (CBDC, 2006). A Argentina venceu os outros dois campeonatos: 2002 (Brasil) e 2006 (Argentina) (IBSA, 2006).

No Brasil existem competições nacionais e regionais, organizadas pela CBDC. As equipes são formadas por associações ou entidades que atendem pessoas com deficiência visual e cega. Os regionais respondem às divisões geográficas do nosso país, com algumas adaptações em virtude da variação do número de equipes participantes em cada região. O campeonato nacional tem as seguintes divisões: A (primeira divisão) e B (segunda divisão) (CBDC, 2006).

Existem competições ou outros eventos também informais, realizados pelas federações estaduais, instituições especializadas, secretarias de esporte das prefeituras e outros órgãos públicos e privados.

O peso dessa influência pode ser demonstrado pela busca das próprias pessoas com a cegueira, por adaptações ao jogo de futebol, antes mesmo da regulamentação da modalidade. Eles colocavam tampa de garrafa na parte externa de uma bola ou a revestiam com saco plástico; jogavam com latas ou com suas tampas; colocavam pedras dentro de garrafas de plástico; inventavam “bolas” que produzissem som quando estava em deslocamento (FONTES, 2006; ITANI, 2004; MATARUNA et. al. 2005).

A vontade de jogar futebol serviu de motivação para a fundação de entidades e associações para o atendimento de pessoas com a cegueira, não somente em relação ao esporte, mas também ao atendimento em outros âmbitos (ITANI, 2004).

De acordo com Souza (2002) a criação do gol a gol pelos alunos do Instituto Benjamim Constant, no Rio de Janeiro, que era um jogo no qual não tinha número certo de pessoas para jogar, era praticado nos intervalos das aulas, com a utilização de bolas enroladas de saco plástico no espaço demarcado pelas pilastras e teto do pátio da instituição. Cada equipe tentava marcar gol na meta adversária respeitando um aviso verbal do oponente para a autorização do chute.

Por mais que as pessoas cegas se incluam numa cultura que preconiza tanto o sentido visual (e que, por isso, pode ser considerado o maior difusor do patrimônio existente entre os sentidos utilizados normalmente), elas percebem e participam do mundo que as rodeia de maneira específica, diferente da maneira vivenciada pelas pessoas que possuem o sentido visual integralmente e, portanto, não deixam de ser influenciada pelos fenômenos existentes e relevantes para as culturas a que fazem parte (SACKS, 1995).

Sabe-se que metade do córtex cerebral é dedicado a visão (SACKS, 1995) e 80% dos receptores dos sentidos do corpo humano estão localizados nos olhos (ACKERMAN, 1996). Sendo assim, são as particulares percepções sobre um mesmo fenômeno que criam as diferentes formas de lidar com ele. Nesse sentido, apesar da especificidade do futebol para cegos e de suas diferenças em relação ao futebol ou ao futsal, ele é expressão desse fenômeno nas possibilidades das pessoas com deficiência visual. É, portanto ao mesmo tempo, uma nova modalidade, sem deixar de ser futebol (MATARUNA et. al. 2005).

CEGUEIRA E DEFICIÊNCIA VISUAL

A deficiência visual é definida como a perda total ou parcial, congênita ou adquirida, da visão. O nível de acuidade visual pode variar o que determina dois grupos de deficiência: Baixa visão ou visão subnormal - caracteriza-se pelo comprometimento do funcionamento visual dos olhos, mesmo após tratamento ou correção. As pessoas com baixa visão podem ler textos impressos ampliados ou com uso de recursos óticos especiais. Na Cegueira há perda total da visão ou pouquíssima capacidade de enxergar, o que leva a pessoa a necessitar do Sistema Braille como meio de leitura e escrita (MINISTÉRIO DA SAÚDE, 2002).

Características da cegueira

A cegueira trata-se da perda total ou parcial da visão, visão reduzida ou ainda o daltonismo que é uma espécie de cegueira. Isto pode ser causado por inúmeros fatores, tais como trau-

mas oculares ou patologias oftalmológicas que se agravem por falta de tratamento adequado ou gravidade da doença ocular. A cegueira pode ser congênita ou adquirida ao longo da vida do indivíduo.

O dano que impede a pessoa de enxergar pode ser causado no nascimento, ainda durante a gestação ou em algum momento ao longo da vida da pessoa cega. Esta é uma deficiência visual que pode influenciar diretamente no dia a dia do paciente que terá de se adaptar ao mundo que vive sem este importante sentido. (THOMAS J. CARROLL, 2002).

Características da deficiência visual

Deficiência visual é a perda ou redução da capacidade visual em ambos os olhos, com caráter definitivo, não sendo susceptível de ser melhorada ou corrigida com o uso de lentes e/ou tratamento clínico ou cirúrgico. Dentre os deficientes visuais, pode-se ainda distinguir os portadores de cegueira e os de visão subnormal (OMS, 2001). E se tratando do esporte em comente neste estudo, de acordo com essas classificações o futebol foi adaptado com regras específicas para atender essa população.

Regras específicas do futebol para cegos

A sua elaboração das regras do futebol para cegos foi baseada nas regras do futsal adotadas pela FIFA (2006). As alterações ou adaptações existentes visam adaptar e contemplar as características específicas da pessoa cega. A Confederação Brasileira de Desportos para Cegos (CBDC) é a instituição que administra a modalidade no país e adota as regras¹ oficiais da International Blind Sports Federation (IBSA) órgão máximo que gerência todo esporte para deficientes visuais e cegos em nível mundial.

Como o futsal é um fenômeno mundial de enorme difusão e muito praticado no Brasil, relatamos aqui somente as adaptações ocorridas no futebol para cegos.

A quadra

As dimensões são as mesmas do futsal: largura de 18m (dezoito metros) a 22m (vinte e dois metros) e comprimento de 38m (trinta e oito metros) a 42m (quarenta e dois metros). O piso pode ser de cimento, madeira, borracha sintética ou similar, grama natural ou ainda grama sintética e deve ser plano, liso e não abrasivo. O uso de concreto ou asfalto deve ser evitado, como mostra a figura 1.

1 Informações retiradas do sitio > Confederação Brasileira de Desportos para Cegos (CBDC): <http://www.cbdc.org.br/modalidades/futebol/B1/regras.htm>.

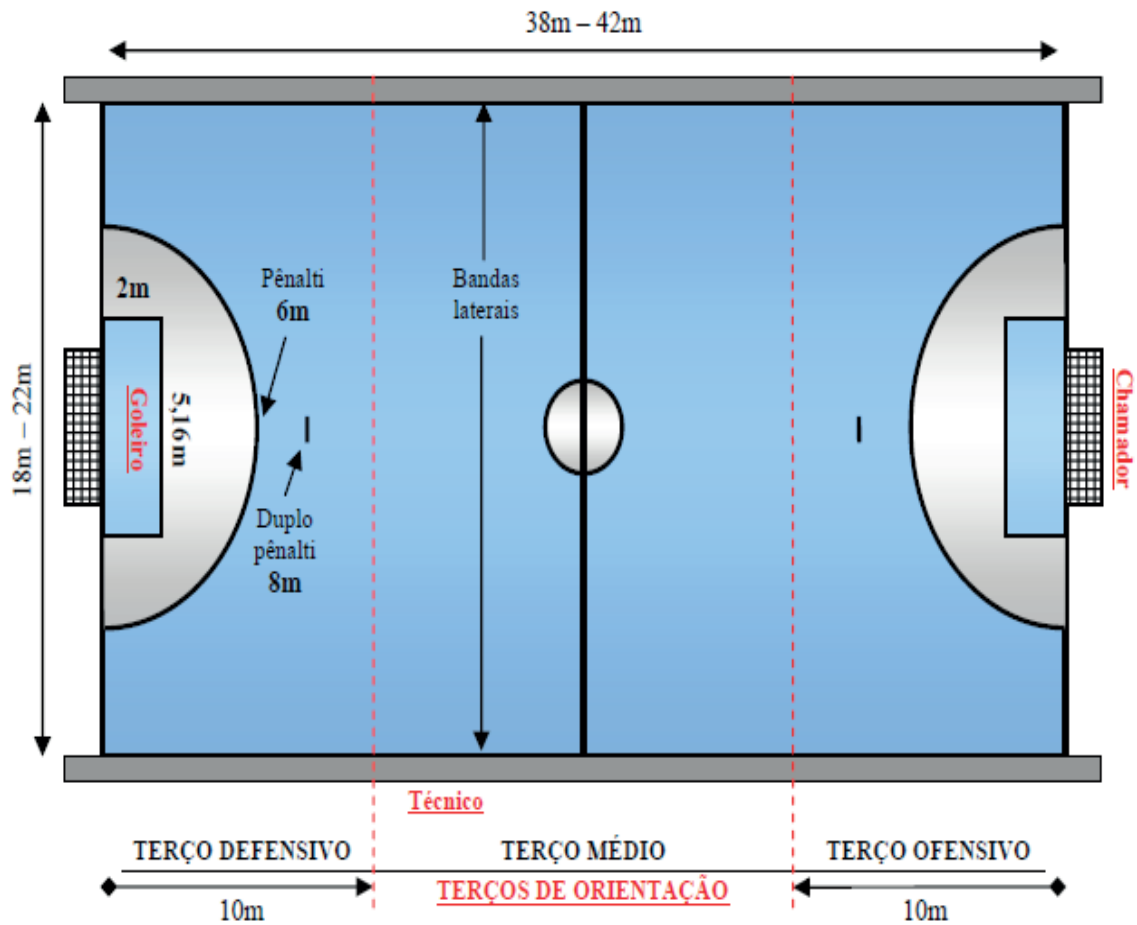


Figura P.1 – A quadra. Fotos: Márcio P. Morato



Figura P.2 – As bandas laterais. Fotos: Márcio P. Morato

De acordo com a figura 2, as bandas laterais funcionam como um limitador de espaço para que a bola não escape para muito longe da área de jogo.

A duração da partida

Os jogos desta modalidade são disputados em dois tempos de 25 minutos com um intervalo de 10 minutos entre eles. Cada equipe tem direito a solicitar um minuto de tempo técnico em cada um dos tempos.

A bola

A bola tem um sistema de som interno chamados de (guizos) para permitir que os jogadores a localizem e percebam seu deslocamento. Quando ela fica imobilizada e não pode ser localizada por nenhum jogador, cabe ao árbitro efetuar um movimento rápido para que se reinicie o jogo o mais rápido possível, apresentada pela figura 3.



Figura P.3 – A bola oficial. Fotos: Márcio P. Morato

Área do Goleiro

A área do goleiro não corresponde à área de pênalti. Ela foi reduzida para uma área retangular de 5,16m (cinco metros e dezesseis centímetros) por 2m (dois metros). A atuação do goleiro fora de sua área ocasiona pênalti para a equipe adversária.

A marca do duplo pênalti é de 8m (oito metros) de distância do ponto médio da linha entre as traves e não de 10m (dez metros) como no futsal. A partir da quarta falta acumulativa (coletiva) não é permitida a formação de barreira e o jogador pode escolher entre cobrar o tiro livre da marca do duplo pênalti ou de onde ocorreu a falta. A área principal de atuação do goleiro está apresentada abaixo pela figura 4.



Figura P.4 – A área do goleiro. Fotos: Márcio P. Morato

Terço

O terço trata-se de uma divisão feita na quadra e é determinado por uma fita que é colocada na banda lateral, dividindo a quadra em três partes: o terço da defesa, onde o goleiro tem a responsabilidade de orientar; o terço central, onde a responsabilidade é do técnico e o terço de ataque o chamador é responsável.



Figura P.5 – A área de atuação do chamador. Fotos: Márcio P. Morato.

A função principal do chamador é orientar o jogadores de sua equipe com relação à direção de bola, os ataques do adversário, direção da área de gol do adversário e também tentar evitar acidentes como o choque com outro jogador.

Equipe

Cada time é formado por cinco jogadores: um goleiro, que tem visão total e quatro na linha, que usam uma venda nos olhos para deixá-los todos em iguais condições, já que alguns atletas possuem um resíduo visual (vulto) que dão, nesta modalidade, alguma vantagem a estes.

Voy

Ao contrário do que se imagina, a modalidade tem muitas jogadas plásticas, com jogadas de efeito inclusive. Muitos toques e chutes a gol. Os jogadores são obrigados a falar a palavra espanhola Voy (vou em português), sempre que se deslocarem em direção a bola, na tentativa de se evitar choques. Quando o juiz não ouvir, ele marca falta contra a equipe cujo jogador não disse o Voy.

Torcida

A modalidade, ao contrário do futebol convencional, deve ser praticada em um ambiente silencioso. A torcida, bastante desejada nesta modalidade, deve se manifestar somente quando a bola estiver fora do jogo: na hora do gol, em faltas, linha de fundo, lateral, tempo técnico ou qualquer outra paralisação da partida.

Divisões dos atletas

Para a formação das equipes os atletas são classificados por níveis² de cegueira e são divididos de acordo com o grau de comprometimento dos olhos indo da cegueira total a uma variação de resíduo visual, sendo elas:

- B1 – Cego total: de nenhuma percepção luminosa em ambos os olhos até a percepção de luz, mas com incapacidade de reconhecer o formato de uma mão a qualquer distância ou direção.
- B2 – Jogadores já têm a percepção de vultos. Da capacidade em reconhecer a forma de uma mão até a acuidade visual de 2/60 e/ou campo visual inferior a 5 graus.
- B3 – Os jogadores já conseguem definir imagens. Da acuidade visual de 2/60 a acuidade visual de 6/60 e/ou campo visual de mais de 5 graus e menos de 20 graus.

Essas divisões são observadas para evitar que algum atleta obtenha vantagem por possuir a capacidade de enxergar o mínimo possível. E para sanar essas desigualdades todos os atletas de quadra são vendados, exceto o goleiro.

2 Informações retiradas do sitio > Confederação Brasileira de Desportos para Cegos (CBDC): <http://www.cbdc.org.br/modalidades/futebol/B1/regras.htm>.

ALGUMAS REFLEXÕES

O futsal pode ser considerado um poderoso fator de desenvolvimento humano num sentido mais amplo, porque contribui de forma decisiva para formação física e intelectual dos indivíduos. Valores como solidariedade, respeito ao próximo, tolerância, sentido coletivo, cooperação, disciplina, capacidade de liderança, respeito às regras e noções de trabalho em equipe, são fundamentais para formação do cidadão (WILPERT, 2005).

Muitos esportes proporcionam a inclusão e a facilidade de sua prática sem muitos investimentos, mas nenhum supera o futebol. É ao redor dos campos de futebol que se formam as pequenas comunidades. Ele atrai os olhares, aumenta a paixão e mais ainda, faz brotar sonhos de uma carreira rica e famosa. Com os cegos não é diferente, esse sonho também existe (CRUZ, 2003, p. 39).

O futsal quando incentivado, seja em periferias ou centros urbanos faz com que os seus praticantes se sintam valorizados em relação ao local em que vivem, dando-lhes o sentimento de pertencerem a uma sociedade integrada. Essa preocupação com o processo de inclusão social é uma crescente na sociedade moderna, a reintegração social através do esporte, principalmente o futebol, que é uma modalidade que possui uma linguagem universal.

Na sociedade moderna em que vivemos, onde recebemos estímulos visuais a todo instante, a pessoa com deficiência visual além de encontrar-se em desvantagem, ainda sofre com muitas dificuldades em seus aspectos motor, social e emocional (SANTOS, 2007). A inclusão social é um elemento fundamental na reabilitação do cego. Não é porque o sujeito é cego que está fadado a não ter sucesso na vida. Através da prática do esporte, o cego sente que pode se dedicar, ter sucesso na vida, aprimorando os outros sentidos e valências físicas que poderão ser desenvolvidas.

O esporte é igual para todos e assim torna-se ferramenta indispensável para que a sociedade perceba o potencial do deficiente, buscando trabalhar com materiais alternativos e locais apropriados.

Para que isso ocorra basta uma preparação e capacitação dos profissionais envolvidos com essa modalidade esportiva e sejam criadas maneiras para que essa inclusão através do futebol de cinco ocorra de uma forma bem prazerosa e lúdica para os cegos. Assim, eles podem se sentir aceitos pela sociedade e através disso criarem um círculo de amigos que com certeza apresentaram mudanças significativas como:

- Melhoria e desenvolvimento de autoestima, autovalorização e autoimagem, o estímulo à independência e autonomia a socialização com outros grupos a experiência com suas possibilidades, potencialidades e limitações à vivência de situações de sucesso e superação de situações de frustração a melhoria das condições organo-funcional (aparelhos circulatório, respiratório, digestivo, reprodutor e excretor);
- Melhoria na força e resistência muscular global;
- Ganho de velocidade, aprimoramento da coordenação motora global e ritmo, melhora no equilíbrio estático e dinâmico, a possibilidade de acesso à prática do esporte como lazer, reabilitação e competição, prevenção de deficiências secundárias, promover e

encorajar o movimento, motivação para atividades futuras manutenção e promoção da saúde e condição física, desenvolvimento de habilidades motoras e funcionais para melhor realização das atividades de vida diária, desenvolvimento da capacidade de resolução de problemas. (SOUZA, 1994; SCHUTZ, 1994)

Nesse sentido algumas pesquisas mostram que através do futsal todos esses benefícios podem chegar até a pessoa cega, como é o caso da tese realizada por Costa (2005) que versou sobre “Avaliação das Competências Emocional e Social de Pessoas com Condições de Deficiência Visual Praticantes de Atividade Física”. Que teve como objetivo geral de avaliar as competências emocional e social de pessoas com condições de deficiência visual, com idades entre 20 e 50 anos, participantes de um grupo de atividade física formal. Os participantes do estudo foram compostos por onze indivíduos com condições de deficiência visual, integrantes de um grupo que pratica futsal, no SEST/SENAT, em Florianópolis-SC.

Este estudo concluiu que os indivíduos com condições de deficiência visual praticantes de atividade física, neste caso o futsal, apresentaram potencialidades na maioria das competências emocionais. Estas obtiveram constância e equilíbrio nas respostas dos seguintes aspectos: Intencionalidade, Criatividade e Elasticidade, comumente conhecida como Resiliência, na maioria das situações – mesmo sob pressão.

Já Souza (2002) em seu artigo “Futsal para cegos: uma proposta para a iniciação”, afirma que o futsal para cegos requer de cada praticante muito esforço, educação, perseverança. Sua execução exige o deslocamento de todos (exceto do goleiro) para todas as direções com velocidades variadas e com atenção voltada para a bola, e as orientações do técnico do goleiro e do chamador. Segundo esse mesmo autor, ensinar o futsal para cegos é contribuir para a superação da discriminação enfrentada diariamente por eles.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

De acordo com os dados encontrados na presente pesquisa constatou-se que o esporte apresenta melhora na condição cardiovascular dos praticantes, aprimora a agilidade, a força, o equilíbrio, a coordenação motora e o repertório motor (GUTTMAN, 1976).

No aspecto social, o futsal proporciona a oportunidade de sociabilização com pessoas que necessitam e que não necessitam de cuidados especiais, torna o indivíduo mais independente para a realização de suas atividades diárias e faz com que a sociedade conheça melhor as potencialidades das pessoas, independente de suas características físicas. No aspecto psicológico, o esporte melhora a autoconfiança e a autoestima das pessoas que necessitam de cuidados especializados, tornando-as mais otimistas e seguras para alcançarem seus diversos objetivos.

Souza (1994) enfatiza que o esporte adaptado em geral deve ser considerado como uma alternativa lúdica e mais prazerosa, sendo este parte do processo de reabilitação das pessoas com alguma deficiência.

A realização de atividades físicas, esportivas e de lazer com deficientes, tem que respeitar todas as normas de segurança, evitando novos acidentes, deve-se estar atento a todos os tipos de movimentos a serem realizados, auxiliar o deficiente sempre que necessário, e estimular

sempre o desenvolvimento da sua potencialidade, seja ela física, psicológica ou social (WILPERT, 2005).

Resumo: O futsal para cegos é uma modalidade esportiva coletiva capaz de proporcionar a prática do fenômeno esportivo às pessoas cegas. Suas regras são baseadas nas adotadas pelo futsal. As adaptações existentes visam contemplar as características específicas das pessoas privadas da visão. Sendo assim, o presente estudo teve como objetivo principal destacar o futsal para cegos e suas contribuições para a integração social de pessoas com deficiência visual. Para tanto foi realizado um levantamento teórico sobre o histórico do futsal, o futsal para cegos, a caracterização da cegueira e da deficiência visual, as regras específicas da modalidade, material apropriado, do que se trata a inclusão social e os benefícios que a prática da modalidade pode trazer para a pessoa cega. Concluiu-se que essa modalidade esportiva adaptada proporciona grandes possibilidades de desenvolvimento psicossocial para seus praticantes.

Palavras-chave: Futsal, cegos, integração social.

Abstract: Futsal for the blind is a collective sports modality capable of providing the practice of the sports phenomenon to blind people. Its rules are based on those adopted by futsal. The existing adaptations aim to take into account the specific characteristics of people deprived of vision. Therefore, the main objective of this study was to highlight futsal for the blind and their contributions to the social integration of people with visual impairment. For that, a theoretical survey was carried out on the history of futsal, futsal for the blind, the characterization of blindness and visual impairment, the specific rules of the modality, appropriate material, what social inclusion is about and the benefits that the practice of Mode can bring to the blind person. It was concluded that this adapted sport modality provides great possibilities of psychosocial development for its practitioners.

Keywords: Futsal, blind, social integration.

REFERÊNCIAS

- ACKERMAN, D. *Uma história natural dos sentidos*. 2.ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1996.
- ALVES, J. *Historia e origens do futsal*. 2003.
- CHIMINAZZO, J. G. C.; MELLO, R da S.; DUTRA, R de A. *O futsal no ensino médio: Discursos dos professores de educação física em escolas particulares da região leste de campinas*. Movimento e Percepção. Espirito Santo do Pinhal, SP, v.7, n.10, p282-293, 2006.
- CONFEDERAÇÃO BRASILEIRA DE DESPORTOS PARA CEGOS. Disponível em: <<http://www.cbdiv.org.br/>> acessado em 08/04/13.
- COSTA, R.F. *Atividade Física Adaptada*. Barueri - SP: Manole, 2005.
- CRUZ, A. R. *Futebol Brasileiro: um caminho para a inclusão social*. São Paulo. Ed. Esfera. 2003. (Educação Física) Faculdade de Educação Física. Universidade Estadual de Campinas.
- FEDERATION INTERNATIONALE DE FOOTBALL ASSOCIATION. Disponível em: <<http://www.fifa.org>>

com/> acessado em 05/04/13.

FONTES, M. S. Futebol de cinco para cegos. In: CASTELLI, Dolvair P.; FONTES, Mário S. *Futebol paraolímpico: manual de orientação para professores de educação física*. Brasília: Comitê Paraolímpico Brasileiro. 2006.

GUTTMANN, L. (1976). *Textbook of sport for the disabled*. Oxford: H. M. & M. Publishers, pp. 1-731.

HISTÓRIA, *Primórdios do futsal*, 2010. Disponível em <<http://www.portalsaofrancisco.com.br>> Acessado em 10/04/2013.

IBGE 2010. Disponível em <<http://www.ibge.gov.br>> acessado em 02/04/2013.

International blind sports federation (IBSA) 2006. Disponível em: <<http://ibsa.es>>. acessado em 03/04/13.

ITANI, D. E. *Futebol de cinco: um esporte possível para cegos*. 2004, 90f. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Educação Física) - Faculdade de Educação Física, Universidade Estadual de Campinas. Campinas. 2004.

MATARUNA, L.; OLIVEIRA FILHO, C. W. ; FONTES, M. S.; ALMEIDA, J. J. G. Inclusão social: esporte para deficientes visuais. In: Da COSTA, Lamartine (Org.) *Atlas do esporte no Brasil: atlas do esporte, educação física e atividades físicas de saúde e lazer no Brasil*. Rio de Janeiro: Shape, 2005.

MINISTÉRIO DA SAÚDE, 2002. Disponível em: <<http://portalsaude.saude.gov.br/>> Acessado em 10/04/13.

OMS, 2001. Disponível em: <<http://www.brasil.gov.br>> Acessado em 12/04/13.

SACKS, O. W. *Um antropólogo em Marte: sete histórias paradoxais*. São Paulo: Companhia das Letras, 1995.

SANTOS Jr. N. J. *Espetacularização Esportiva na TV: Ações e Desafios à educação física escolar*, RJ, 2007.

SCHUTZ, L. K. The wheelchair athlete. In: Buschbacher, R. M. & Braddom, R. L. (Orgs). *Sports medicine and rehabilitation: A sport-specific approach*. (pp. 267-274). Philadelphia: Hanley & Belfus, Inc. 1994.

SOUZA, P.A. *O esporte na paraplegia e tetraplegia*. Rio de Janeiro: Editora Guanabara, Koogan S.A. 1994.

SOUZA, R. P. *Futsal para cegos: uma proposta para a iniciação*. In: Revista Benjamin Constant, Rio de Janeiro, ano 8, n. 22, p.3-6, ago de 2002.

THOMAS, J. R.; NELSON, Jack K. *Métodos de pesquisa em atividade física*. Porto Alegre: Artmed, 2002.

TUBINO, Manoel J. Gomes. *Dimensões sociais do esporte*. São Paulo: Cortez: Autores Associados (Coleção polêmicas do nosso tempo, v. 44), 1992.

VIEIRA, Silvia; FREITAS, Armando. *O Que É Futsal*. Brasil: Casa da Palavra. Cap.12. p. 55-59. 2007

WILPERT, R. A. *O futebol como agente de inclusão e interação*. Dissertação de mestrado. Universidade Federal de Florianópolis. 2005.